

**AS AMARGURAS DE GERTRUDES
A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO DE AUGUSTA FARO**

Denise Lima Gomes da Silva

Resumo

Neste artigo buscamos refletir sobre a formação da identidade feminina. Partimos do princípio que a identidade feminina seja uma construção discursiva, e de que existe nas nuances do discurso literário um arcabouço de temas, figuras, conceitos, valores que podem reproduzir a imagem da mulher. Para tanto, buscamos analisar de que forma o feminino é representado no conto “*Gertrudes e seu homem*”, da escritora brasileira, Augusta Faro. Procuramos observar os lugares ocupados pelo identitário feminino e sua relação com o masculino. Acreditamos que a obra apresenta uma visão crítica da construção do feminino que está marcado, no texto, pela ideologia do patriarcado.

Palavras chave: identidade, feminino, ideologia, discurso.

Abstract

In this paper we reflect upon the female identity and its discursive construction. Assuming that the female identity is a discursive construction, and that there are themes, pictures, concepts, values that reproduce the image of women at the literary discourse framework nuances. To do so, we examine how the feminine is represented in the story "Gertrude and her man," from the Brazilian writer, Augusta Faro. We seek to observe, in the speeches of the characters, the places occupied by the female identity and its relationship with the male performances inside the society. We believe that work presents a critical view of the construction of the female identity marked by the ideology of patriarchy.

Palavras Chaves: identity, female ideology, discursiveness

Introdução

A trajetória das mulheres tem sido marcada, ao longo da história, por processos descontínuos, emergentes de transformações sociais, econômicas e políticas, vividos no seio da sociedade. Como bem coloca Rosa Monteiro (2007), com o surgimento do positivismo e a morte dos deuses, a sociedade começou a questionar a ordem natural e perguntar sobre o porquê das coisas. Há séculos tenta-se compreender os inúmeros porquês relacionados à

condição da mulher cuja luta é perseguida por adjetivos como: diferente, distante e subjugada. Por que as sociedades diferenciam a tal ponto homem e mulher? Como se estabeleceram as hierarquias? Quando isso aconteceu? Sempre foi assim?

Monteiro (2007) afirma que ainda não há respostas claras a essas perguntas, as teorias que falam de uma primeira fase do matriarcado na humanidade não são suficientemente demonstradas. O fato é que durante milênios, tanto no Ocidente como no Oriente, as mulheres têm sido consideradas cidadãs de segunda classe.

Alguns acontecimentos históricos contribuíram para despertar a sociedade acerca da questão da mulher.

Na Europa, no século XVIII, com os ideais de justiça e fraternidade, emergentes com a Revolução Francesa, homens e mulheres começaram a perceber que a igualdade ou era para todos os indivíduos ou não era para ninguém. Com a revolução, apareceram clubes e associações de mulheres e existiram famosas revolucionárias feministas, a exemplo de Olympe de Gouges e Théroigne de Méricourt (MONTEIRO, 2007).

Na tradição anglo-americana, temos Mary Wollstonecraft como a primeira teórica feminista. Em seu trabalho *A vindication of the rights of woman* publicado em 1792, Mary elaborou uma teoria social da subordinação das mulheres e articulou um ativismo político que se conservou no centro do feminismo ocidental. (EDGAR & SEDGWICK, 2003).

Em meados do século XIX, com a Revolução Industrial, o modo de vida familiar tradicional começa a sofrer transformações. A mulher foi encarada pela primeira vez como um problema social. Além disso, a sociedade vivia o auge das correntes positivistas e do cientificismo. A mulher passou a ser uma incógnita da existência, um mistério a ser decifrado em termos científicos (MONTEIRO, 2007).

De acordo com Joan Scott (1992), a história das mulheres surge como campo definível principalmente a partir da década de 60 do século XX. Os estudos feministas nascem influenciados pelo movimento dos direitos civis. Entretanto, é importante lembrar que as décadas de 20 e 40 foram marcadas por importantes discussões sobre a questão da mulher, a exemplo dos escritos de Virginia Wolf e de Simone de Beauvoir.

Simone de Beauvoir, em seu livro *Segundo Sexo*, afirma que não se nasce mulher, torna-se mulher. Em sua frase mais famosa, Simone de Beauvoir chama a atenção para as condições sociais e culturais enquanto responsáveis pela construção da identidade feminina e masculina. A posição de Beauvoir é considerada um avanço para os estudos feministas e a questão de gênero.

Neste ensaio, portanto, pretendemos lançar um olhar sobre o conto *Gertrudes e seu*

homem, escrita por Augusta Faro. Procuramos identificar no conto da escritora brasileira de que forma o feminino é representado. Em um primeiro momento, faremos algumas considerações sobre o movimento feminista e a questão de gênero à luz de Joan Scott (1990, 1999), Teresa Lauretis (1994) e Linda Nicholson (2000). E em um segundo momento, abordaremos o conto.

1. O feminismo e a questão de gênero

O feminismo é um movimento de recusa à hierarquia existente entre o masculino e o feminino. O movimento tem como essência a concepção de que, na cultura ocidental e oriental, as mulheres são subordinadas aos homens. O feminismo busca soluções para os conflitos, procura libertar a mulher da sujeição masculina, luta contra a ideologia do patriarcado e tenta construir, na sociedade, uma cultura inclusiva em relação ao potencial das mulheres. As diferentes teorias feministas convergem para esses mesmos objetivos e diferem apenas nos caminhos e nas estratégias utilizadas para alcançá-los (EDGAR & SEDGWICK, 2003).

Inicialmente, o movimento feminista preocupava-se com a igualdade política e econômica das mulheres diante dos homens. Após a segunda guerra mundial, o feminismo toma novos rumos, as feministas procuram alcançar uma compreensão da natureza cultural da opressão, observando as formas como as próprias instituições culturais alicerçam e perpetuam a subordinação das mulheres (EDGAR & SEDGWICK, 2003).

No imenso universo sobre a questão da mulher, Scott (1990), observa que podemos verificar três posições teóricas que as feministas empregam nas abordagens de análise do gênero: a teoria do patriarcado, a teoria marxista e a teoria psicanalítica. De maneira geral, a teoria do patriarcado questiona a desigualdade entre homens e mulheres e localiza a opressão na manipulação masculina da sexualidade feminina; a teoria marxista acredita que a opressão é fruto das estruturas sociais e econômicas da sociedade, e a teoria psicanalítica defende que a subjetividade feminina se constrói em uma cultura sexista.

De acordo com Scott (1990), as preocupações teóricas relacionadas à questão de gênero enquanto categoria de análise, enquanto meio de falar sobre os sistemas de relações sociais e entre os sexos, apenas emergiram no final do século XX. Neste contexto, o termo gênero representa uma tentativa das feministas contemporâneas para reivindicar um terreno próprio de definição, é uma tentativa de insistir sobre a inadequação das teorias existentes que se propõem a explicar a desigualdade entre homens e mulheres.

Scott (1999, p.203) defende que o feminismo necessita de “teorias que possam analisar o funcionamento do patriarcado em todas as manifestações - ideológicas, institucionais, organizativas, subjetivas, explicando não somente a continuidade, mas também as mudanças no tempo”. A corrente pós-estruturalista é, para a autora, um caminho possível para analisar as construções de significado e as relações de poder que discutem as categorias unitárias e universais, e tornam certas noções que são geralmente consideradas como naturais, a exemplo, da definição de homem e mulher.

Scott (1990) propõe um conceito de gênero fundado na História, a sua definição de gênero tem como núcleo duas proposições que são ligadas entre si: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos , e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p.14).

A primeira proposição, a noção de gênero enquanto constitutiva de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, implica em quatro elementos. O primeiro elemento refere-se ao gênero enquanto símbolos que foram culturalmente construídos e que evocam representações simbólicas, como por exemplo, Eva e Maria, simbolizando a mulher. Para Scott (1990), é interessante que o historiador tente compreender as modalidades e os contextos em que as representações simbólicas foram invocadas.

O segundo aspecto do gênero é a respeito dos conceitos normativos expressos pelas doutrinas religiosas, educativas, científicas, jurídicas, políticas que constroem o sentido de masculino e feminino fundamentado na oposição binária. Scott (1990) defende que o desafio para o historiador seria descobrir a natureza do debate que produz a permanência desta representação binária do gênero.

O terceiro elemento seria a necessidade de incluir na análise do gênero uma noção de política como uma referência às instituições e à organização social. O uso da categoria de gênero não deve ser reduzido ao sistema de parentesco, afirma Scott (1990), é necessário a elaboração de uma visão mais ampla que abarque o mercado de trabalho, a educação, o sistema político.

O quarto, e último aspecto do gênero, é a identidade subjetiva. Scott (1990) critica a concepção universal da psicanálise que coloca as identidades de gênero fundadas unicamente no medo da castração. Afirmando que esta abordagem nega a pertinência do questionamento histórico, a autora (1990) sugere que é preciso examinar as formas pelas quais as identidades de gênero são construídas e relacioná-las às representações sociais historicamente situadas.

Sobre a segunda proposição, a noção de gênero enquanto modo de dar significado às relações de poder, a autora (1990) afirma que o gênero é um campo pelo qual o poder é

articulado e constituído, e tem sido um meio eficaz à significação de poder nas tradições judaico-cristãs e islâmicas.

Em sua definição, portanto, Scott (1990) critica o binarismo e o essencialismo, e prioriza a pluralidade e a diversidade. “O gênero é então um meio de decodificar o sentido e de compreender formas de interação complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT,1990, p.16).

De acordo com Lauretis (1994), pensar no gênero enquanto diferença sexual é pensar antes de tudo na diferença biológica entre homem e mulher. A autora defende que o conceito de gênero enquanto diferença sexual impõe duas limitações ao pensamento feminista. A primeira limitação é que o pensamento crítico feminista fica restrito ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo, isto é, a mulher como diferença do homem, com ambos universais; ou a mulher como diferença pura e simples, como diferenças das mulheres. E uma segunda limitação é que esta noção reacomoda o pensamento feminista sem romper os limites da casa patriarcal.

Lauretis (1994) defende, então, a necessidade de um conceito de gênero que não seja preso à diferença sexual e sugere pensar o gênero a partir de um diálogo com Foucault que vê a sexualidade como uma tecnologia sexual, desta forma diz a autora: “propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas cotidianas.” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Para Nicholson (2000, p. 09), gênero “é uma palavra estranha no feminismo”, uma vez que o termo é utilizado de duas formas diferentes, sendo até certo ponto contraditórias. De um lado, explica a autora, a noção de gênero é usada em oposição a sexo, para descrever o que é biologicamente dado do que é socialmente construído. Gênero então é pensado enquanto personalidade e comportamento e não enquanto corpo, assim gênero e sexo estão distintos. Por outro lado, diz a autora, a noção de gênero tem sido também usada para se referir a qualquer construção social que distingue corpo feminino e corpo masculino. Gênero então é pensado não apenas enquanto comportamento e a personalidade, mas também enquanto maneiras como o corpo aparece. Neste contexto, sexo está ligado a gênero.

Nicholson (2000, p.10) defende que embora o segundo sentido de gênero predomine no discurso feminista, a herança do primeiro sobrevive. “O sexo permanece na teoria feminista como aquilo que fica de fora da cultura e da história, sempre a enquadra a diferença entre masculino e feminino”.

Nicholson (2000) sugere, então, que o feminismo necessita abandonar o

fudacionalismo biológico junto com o determinismo biológico e defende que o ser humano difere, dentro de si mesmo, não apenas pelas expectativas sociais sobre como pensa, sente e age, existem também diferenças na maneira como entende o corpo.

Portanto, podemos verificar em Scott, Lauretis e Nicholson que a crítica feminista tem procurado rejeitar o caráter permanente da oposição binária, tentando iniciar um debate sobre a possibilidade de uma desconstrução de conceitos no que se refere às questões de gênero e suas implicações.

Partindo dos aspectos aqui apontados, tentaremos lançar um olhar sobre o conto *Gertrudes e seu homem*, com o objetivo de observar a representação do feminino.

Observando o enredo, o conto retrata a história da personagem Gertrudes e seu homem Romão. Gertrudes chega a uma cidadezinha, monta um atelier e rapidamente conquista a freguesia. Gertrudes era falante e adorava contar estórias sobre o seu marido Romão. As estórias espalharam-se pela cidade, encantando moças e mulheres. Obcecada por Romão a moças invadem a casa de Gertrudes e em um acesso de fúria descobrem a inexistência de Romão. Romão era um boneco.

2. As amarguras de Gertrudes

O conto “Gertrudes e seu homem”, escrito por Augusta Faro, concentra-se na figura da personagem Gertrudes. O conto se inicia com o narrador enfatizando que antes de tudo Gertrudes é uma mulher amarga e imensamente solitária. O uso do adjetivo “amarguras”, antecedendo o nome da protagonista na primeira frase do conto, revela um profundo sofrimento em que se encontra Gertrudes, “as amarguras de Gertrudes doíam na alma tropeçante de quem parasse um pouquinho só para observá-las. Havia um sorriso de penumbra sempre lhe embaçando o olhar cor de chuva, de tormento, de desvairo e de profunda solidão” (FARO, 2004, p.127).

A trajetória da protagonista é marcada pela angústia vivida entre o ideal e o real. Gertrudes encontra-se aprisionada por um ideal de vida que internalizou para si mesma. O conflito vivido entre o desejo do ideal e o fracasso de não tê-lo alcançado, leva Gertrudes a construir uma “realidade” sobre si mesma e sobre sua vida, em busca de uma adequação social.

Gertrudes era uma mulher de “maturidade acalmada” que chegou só em uma cidadezinha, sem origem, de repente e sem explicação, monta um atelier de costura e rapidamente conquista a freguesia. Gertrudes é definida pelo narrador como uma mulher

falante, que “contava grandeza do amor de seu homem”, que “tocava a pianola”, que “dava corda nos relógios”, que “plantava lírios amarelos nos fundos da casa e girassóis no jardim”, que “fazia bolos e broa, peta e biscoitos, rocamboles com frutas cristalizadas”, que tinha sempre a “toalha rendada de branco céu e, em tudo por tudo, uma zelosa harmonia parecia dançar valsa naquele ambiente”. O interior da casa de Gertrudes era sempre “sóbrio, elegante e distinto, bonito de se contemplar” e “a sociedade amou rapidamente aquela mulher” (FARO, 2004, p.127-128).

Podemos observar que a representação do feminino é centrada na vida familiar. Gertrudes possuía um exímio talento para plantar, cozinhar, rendar, bordar e arrumar, ou seja, atividades relativas ao lar. As ações de Gertrudes buscam sempre recriar um ambiente doméstico de perfeita harmonia.

A relação entre Gertrudes e Romão é uma relação de sujeição. A subordinação da figura feminina diante da masculina é apresentada pelo narrador em dois momentos: um primeiro momento e de maneira sutil, a desigualdade aparece nos papéis sociais em que os dois ocupam. Romão era viajante e não tinha porto, condição que ressalta o lugar do homem na esfera pública e da mulher na esfera privada. Gertrudes era costureira e tinha um atelier em casa. Conforme Edgar & Sedgwick (2003) algumas correntes feministas acreditam que a oposição binária entre público e privado corrobora para excluir as mulheres das posições de importância social e de autoridade.

Em um segundo momento e mais fortemente destacado, podemos verificar que existe uma anulação da individualidade do feminino em detrimento de uma idealização do masculino. Gertrudes silencia sobre si mesma, sobre sua vida, sobre sua existência. Gertrudes não possui um lugar próprio no mundo. A existência de Gertrudes é centrada na figura do marido Romão. “Todo mundo que freqüentava o ateliê de costura, sempre ouvia as estórias de Romão, esse nome sempre envolto em onírico mistério, ruídos, palpável e, sobretudo, impenetrável” (FARO, 2004, p. 128).

Desse modo, observamos que a identidade feminina em Gertrudes é profundamente marcada pela ideologia do patriarcado, centrada na figura do homem e construída no interior de relações de poder e exclusão. Conforme coloca Hall (2000) a ideologia age tanto no nível da formação e das práticas discursivas que compõem o campo social, quanto nos níveis rudimentares da identidade e dos impulsos psíquicos. Para o autor, o sujeito é produzido como um efeito do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas.

[...] é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas,

por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação de diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional- isto é uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras inteiriças, sem diferenciação interna.”(HALL, 2000, p.109).

No conto, o universo feminino, representado além de Gertrudes, pelas moças e mulheres da cidade, é estruturado na idealização da figura de Romão. Romão ficou famoso na cidade, “a aura do marido de Gertrudes crescia com fama audível, indomável” (FARO, 2004, p.129). Romão representa, como define o narrador, um distinto cavaleiro. Em vários trechos, aparece pelas vozes do narrador, da própria Gertrudes e de Leninha, como um homem sensível, apaixonado, corajoso e dedicado.

[...]Meu marido chegou de viagem tarde da noite, agora dorme [...] Ama o lar , mas a profissão o consome. [...]Sempre um presente acompanhava o retorno daquele rapaz escalavrado de vítrea aura impermeável e que sufocava o ambiente com um perfume de macho saudável, vigoroso [...] potro de legítima gentileza e incansável ternura [...] Ele é lindo, altão, moreno claro, tem uns olhos tão verdes como uma folha de parreira nova. É perfumado o homem [...] Ele tem as mãos longas macias[...] Esse homem veio do começo do mundo gente!!! (FARO, 2004, p.128-129).

A idealização do masculino em Romão pode ser vista com maior clareza quando o narrador descreve a mortalha que Gertrudes bordou em noites de espera pelo marido, “inteiramente de vidrilhos cor de água, cor de espuma, em desenhos e arabescos geometricamente riscados e que, de longe, imitavam uma biga com sete cavalos e um cavaleiro, como aquelas antigas que corriam nos primórdios dos tempos cristãos, na cidade de Roma.” (FARO, 2004, p.129).

A referência à figura do cavaleiro, ao tempo cristão e a cidade de Roma remete a origem da família centrada na figura masculina. A instituição família se consolidou na Roma Antiga. A família romana era centrada na figura dos homens, sendo as mulheres coadjuvantes. Gertrudes representa a ideologia do patriarcado que leva as mulheres a crerem no homem enquanto imprescindível para sua felicidade. Herança da tradição cultural ocidental que castra na mulher a possibilidade de construir uma vida própria, centrada nos seus próprios desejos e propósitos.

Podemos observar que Gertrudes conquista um espaço na cidade em que vive pela figura de Romão. Ela é conhecida pelas estórias que conta de Romão. É respeitada por ser esposa de Romão. Romão é aquele que outorga o lugar de Gertrudes na sociedade. Gertrudes é marcada por uma incapacidade de possuir uma identidade própria enquanto mulher.

Dessa forma, podemos compreender o comportamento de Gertrudes como coloca Lauretis (1994) quando diz que o gênero enquanto representação e auto-representação é fruto

de diversas tecnologias sociais, de discursos, epistemologias, práticas críticas institucionalizadas e práticas da vida cotidiana, que têm o poder de controlar o campo do significado social e com isso produzir, promover e implantar representações de gênero. Gertrudes encontra-se profundamente inserida em formas de organização social que foram estruturadas com base no princípio da desigualdade de gênero.

Podemos verificar que no conto a imagem que Gertrudes constrói de Romão é inteiramente consumida e internalizada pelas mulheres da cidade. Romão torna-se objeto de desejo. Passados um ano e meio, movidas por uma completa obsessão, as moças resolvem invadir a casa de Gertrudes e finalmente conhecer Romão. Elas queriam tocar Romão, possuir Romão. Ao invadir a casa de Gertrudes, se depararam com aquele homem “coberto de linho puro”, “dormindo tão justo”, “repousado na beleza de um deus grego”, “era o dia do fim do mundo, ele ali verdadeiro e completo” (FARO, 2004, p.131). Podemos observar que os termos “puro”, “justo”, “verdadeiro” e “completo” corroboram para a representação em Romão da idéia de perfeição .

A moças então percebem que Romão é um boneco. A frustração diante da inexistência de Romão provoca a fúria das moças durante três dias, e no ato de amor e ódio elas estralham o boneco Romão e cada uma leva para casa um pedaço. Todas queriam possuir pelo menos um pedaço “daquele sonho deitado acima de todas as compreensões” (FARO, 2004, p.132).

O sonho, isto é, a idealização de Romão, e a recusa em aceitar a inexistência do ideal, assumidas pelo universo feminino (Gertrudes e as mulheres da cidade) mostram como as engrenagens do sistema patriarcal são difíceis de serem rompidas. As moças levam um pedaço de Romão para casa e Gertrudes, após uma semana da invasão da casa, foi vista na prainha, viva, perfeita abraçada com os agrados que buscara para seu marido.

As amarguras de Gertrudes que “iam atrás dela, de tão forte presença que se sentia como vultos de espíritos num acampamento solene” (FARO, 2004, p.128), são oriundas de, primeiro por um sentimento de frustração diante da inexistência de Romão, o ideal criado e imposto culturalmente pela sociedade, e em segundo, pela completa impossibilidade de romper as amarras que a mantém prisioneira. Gertrudes não consegue romper a estrutura patriarcal, a ponto de forjar a sua própria existência.

De acordo com Scott (1990), os conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, põem em evidência interpretações do sentido dos símbolos e limitam as possibilidades metafóricas. Gertrudes encontra-se incapaz de se libertar do arquétipo de masculino representado em Romão, não questiona o papel social

que desempenha e não rompe com a forma de organização social que lhe foi imposta.

O narrador não deixa claro como Gertrudes morreu.

“Ninguém nunca esclareceu, se a senhora Gertrudes teria morrido na hora exata que descobriram e violentaram seu sagrado segredo, ou se o aguaceiro lhe havia roubado a flor da vida [...] O fato é que até o último momento, ao fechar o esquife, ainda possuía o frescor dos vivos, a tristeza de quem está partindo e a saudade desmesurada de um ente querido que perdera definitivamente.” (FARO, 2004, p.133).

A morte de Gertrudes simboliza a impossibilidade da libertação da protagonista. Podemos observar que mesmo depois da morte, o semblante de Gertrudes permanece ligado a Romão, “o ente querido que perdera definitivamente.”

Considerações finais

Podemos então pensar, diante de tudo que foi exposto, que o conto analisado representa uma crítica à construção da identidade feminina marcada pela ideologia patriarcal dominante. O narrador não deixa claro o tempo em que os fatos acontecem, entretanto, o gosto de Gertrudes em tocar pianola, um instrumento antigo que teve grande repercussão na década de 20, nos leva a inferir que os acontecimentos se passam neste período. Tempo de opressão e desigualdade entre mulheres e homens.

Gertrudes representa a mulher oprimida pela ideologia dominante, submetida por valores pertinentes ao casamento e à família, representados na idealização de Romão. A sensação de tranquilidade, de segurança, de amor, de perfeição é perdida na figura do boneco. O boneco representa a impossibilidade da libertação, a ausência de uma identidade. As amarguras de Gertrudes simbolizam a situação de opressão em que vive a mulher, seja opressão física, seja psíquica, seja ideológica, seja econômica, ou seja política.

Podemos perceber que o narrador evoca nas amarguras de Gertrudes um questionamento em relação à opressão da mulher diante do homem. Opressão tão culturalmente marcada que mesmo na morte a personagem não consegue se libertar.

Referências

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria Cultural de A a Z** : conceitos-chaves, para

entender o mundo contemporâneo.. São Paulo: Contexto, 2003.

FARO, Augusta. “Gertrudes e seu homem”. In: RUFATTO, Luiz (org.) **25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**: Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p 103-131.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do Gênero”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MONTERO, Rosa. **História das Mulheres** .Rio de Janeiro: Ed Agir, 2007.

NICHOLSON, Linda. **Revistas de Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol 8, nr. 2:9-41, 2000.

SCOTT, Joan. “**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica”. Educação e Realidade. Vol 16, N2, 5-19, 1990.

SCOTT, Joan. “História das Mulheres. In. BURKER, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. “**Igualdade versus diferença**: os usos da teoria pós-estruturalista”. Debate feminista: São Paulo: Melhoramentos, 1999.